

HOMOSSEXUALIDADE, SABERES CIENTÍFICOS E ESCOLA: PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE NAS PÁGINAS DE REVISTAS

Joanalira Corpes Magalhães

Universidade Federal do Rio Grande - Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências

Juliana Lapa Rizza

Universidade Federal do Rio Grande - Programa de Pós-Graduação Educação Ambiental

RESUMO: Este estudo tem como objetivos: investigar a veiculação dos saberes científicos produzidos sobre a homossexualidade, visando discutir de que forma tais saberes vêm sendo apresentados ao discurso midiático; e, assim, possibilitar aos/as professores/as perceber articulações entre as pedagogias escolares e as pedagogias da sexualidade expressas em revistas de divulgação científica. Para análise utilizamos alguns pressupostos foucaultianos da análise do discurso. Ao analisarmos os saberes científicos divulgados nas revistas analisadas neste artigo, evidenciamos as potencialidades pedagógicas presentes nesses artefatos e o quanto eles possibilitam, na sala de aula, discussões acerca dos significados e representações sobre os corpos e as sexualidades que circulam em nossa sociedade, as quais produzem e ensinam modos de “identificar” e posicionar os sujeitos.

PALAVRAS-CHAVES: Escola. Homossexualidade. Pedagogias Culturais. Saberes Científicos.

OBJETIVOS

Este estudo tem como objetivos: investigar a veiculação dos saberes científicos produzidos sobre a homossexualidade, visando discutir de que forma tais saberes vêm sendo apresentados e incorporados ao discurso midiático; e, assim, possibilitar a professores e professoras perceber as articulações entre as pedagogias escolares e as pedagogias da sexualidade expressas nas revistas analisadas.

MARCO TEÓRICO

Descobertas, curiosidades, novidades, conhecimentos e explicações são alguns dos aspectos que compõem e tornam o discurso midiático atrativo, político, social, cultural e educativo. No processo de educação científica, o que observamos é uma espécie de transposição daqueles saberes produzidos e divulgados em determinados meios de divulgação das Ciências – periódicos e revistas científicas – destinados e acessados por um público específico (pesquisadores/as, comunidade científica, universidades, etc.) para outras redes tecnológicas de comunicação, ou seja, mídia impressa, ondas de rádios e televisão, computadores, etc., acessadas e destinadas a um público geral.

Na sociedade contemporânea, a maioria dos sujeitos está acoplada ou acessa dispositivos tecnológicos em rede: *smartphones*, *tablets*, entre outros, os quais possibilitam aos sujeitos acessar, romper e transitar por diferentes espaços, informar e ser informado, conhecer e ser conhecido, transgredindo, assim, o que vem sendo determinado como espaço educativo.

Por esse viés, professores e professoras necessitam estar atentos/as, aprendendo e reconhecendo as múltiplas pedagogias que circulam dentro e fora dos espaços educativos, como a escola e a universidade. Assim, torna-se relevante identificar os artefatos culturais como recursos didáticos.

Evidenciar as potencialidades pedagógicas presentes nos artefatos culturais, como as revistas analisadas neste artigo, possibilita, na sala de aula, que possam ser feitas discussões acerca dos significados e representações sobre os corpos e as sexualidades que circulam em nossa sociedade, as quais produzem e ensinam modos de “identificar” e posicionar os sujeitos.

Nessas pedagogias, a circulação de saberes ocorre através de múltiplas linguagens – palavras, imagens, sons, objetos, etc. – não podendo ser tomada como neutra, pois nela encontram-se impressos e inscritos sentimentos, significados, maneiras de ver e perceber o mundo e os sujeitos (Ripoll, 2007). Tais pedagogias culturais produzem valores e saberes, regulam condutas e modos de ser, fabricam identidades e representações e constituem certas relações de poder (Sabat, 2001).

Reconhecer que são múltiplos os espaços e instâncias que educam, possibilita-nos problematizar o quanto torna-se relevante que os espaços tidos como formais, a escola e a universidade, possam dialogar com outros espaços como as revistas, programas de televisão, *sites*, entre outros.

É essa compreensão que nos provocou a atentar para a pedagogia exercida pela mídia em algumas revistas de ampla circulação brasileira ao veicularem saberes científicos produzidos acerca das possíveis “causas” e explicações da homossexualidade. Justificamos a utilização dessas revistas como *corpus* de análise do artigo, pelo fato das mesmas constituírem-se como uma pedagogia cultural que nos ensina modos de viver e perceber o mundo, bem como uma relevante ferramenta didático-pedagógica de ensino.

O uso de diferentes artefatos – por exemplo, revistas, jornais, vídeos, entre outros – possibilitam ao/a professor/a problematizar as diferentes representações e significados sociais atribuídos aos corpos e às sexualidades. Na formação inicial de licenciandos/as de Ciências e Biologia, esses artefatos culturais também tem sido objeto de discussão possibilitando ampliar o entendimento de que vários são os espaços formais e não formais que possuem uma pedagogia. Para Silva “tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma ‘pedagogia’, também ensinam alguma coisa” (2004, p. 139), ou seja, não são apenas artefatos de informação ou entretenimento, mas formas de conhecimento que interpelam os sujeitos.

METODOLOGIA

Para a busca das reportagens utilizamos, como fontes de pesquisa, os *sites* das revistas brasileiras Superinteressante, Veja, Época e Galileu. Foram selecionadas, para análise, as reportagens que contemplassem alguns dos seguintes critérios: reportagens que tivessem como propósito divulgar, através dos saberes científicos produzidos, as possíveis causas da homossexualidade; que determinassem modos de ser homossexual; e que tivessem sido publicadas entre os anos de 1995 a 2011.

Na busca nos *sites* das revistas utilizamos a palavra-chave homossexualidade. Atendendo os critérios de seleção, foram selecionadas para análise 12 reportagens.

Nas análises procuramos evidenciar os modos como essas revistas se apropriaram desses saberes tecnocientíficos, os ressignificam e os divulgam para um público leigo, bem como perceber as intencionalidades pedagógicas que essas revistas apresentam sobre a homossexualidade para esse público.

Para tanto, utilizamos alguns pressupostos foucaultianos da análise do discurso para investigar a rede de enunciações presente nas revistas acerca dos sujeitos homossexuais, percebendo esses artefatos como produções históricas, políticas e sociais, entendendo as palavras enunciadas como construções de um determinado tempo e espaço e o quanto a linguagem produz os sujeitos.

RESULTADOS

As revistas analisadas, com o intuito de apresentar e ensinar os saberes científicos produzidos sobre a homossexualidade, utilizam-se de diferentes estratégias e linguagens para promover a divulgação científica.

Uma das estratégias empregadas pelas revistas foi o uso das vozes autorizadas – pesquisadores/as, profissionais conceituados das diferentes áreas do saber – para credenciar os estudos e as explicações científicas apresentadas nas reportagens, conforme excerto abaixo.

[...] diz a ÉPOCA a neuropsicologista Anne Moir, da Universidade de Oxford, na Inglaterra (FERREIRA, 2011).

Pudemos perceber, nesse processo de construção do discurso, a presença do que Michel Foucault (2006) chamou de direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. Conforme o autor, em toda a sociedade, a produção dos discursos é controlada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos, como a interdição, ou seja, sabemos que não temos o “direito de dizer tudo, que não se pode falar em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (p. 09). Esse tipo de interdição possibilita-nos perceber que o discurso, longe de ser um elemento neutro, está ligado ao desejo e ao poder.

Na escola podemos problematizar a figura do cientista, como sujeito autorizado socialmente a produzir verdades sobre o mundo, sobre os sujeitos, sobre as sexualidades.

Para além da chamada de vozes autorizadas, as revistas analisadas apontam “a” Ciência como o campo do conhecimento autorizado e legitimado para a construção de saberes e verdades sobre os sujeitos e suas identidades sexuais. Para tanto, “desafio”, “intrigante”, “prova mais consistente”, “revolução no pensamento”, “comprovação”, são algumas das expressões mencionadas nas reportagens no intuito de chamar a atenção e potencializar esse efeito de verdade que socialmente construímos acerca da produção científica.

A nova pesquisa pode ser mais um passo na busca pelas causas da homossexualidade, mas não responde a uma das perguntas mais intrigantes da ciência (BUSCATO, 2011).

Conforme Foucault (2007), a produção da verdade em nossa sociedade está centrada no discurso científico, nas instâncias, nos sujeitos e nos meios que a produzem e reproduzem – centros de pesquisa, universidade, cientistas, mídia, periódicos científicos, entre outros. Nessa direção, as reportagens analisadas – enquanto pedagogias que nos educam – ensinam que a Ciência é o campo de saber responsável por revelar e descobrir, na biologia dos sujeitos homossexuais, a existência de diferenças para explicar a ocorrência dessa identidade sexual na população, sendo legítimos e verdadeiros os conhecimentos que esse campo produz.

Outra estratégia de ensinar empregada pelas revistas foi divulgar alguns dos saberes científicos sobre a homossexualidade como “comprovações” das causas e pré-disposições. Assim, percebemos que partes do corpo de homens e mulheres – cérebro, genes, dedos das mãos, hormônios, entre outras – e fatores familiares, como o número de irmãos, são apresentados como fatores biológicos que justificariam a ocorrência dessa identidade sexual na população.

[...] diferenças biológicas entre héteros e homossexuais, que passam pela influência da genética (o irmão gêmeo de um gay tem mais chance de ser também), habilidades manuais (gays de ambos os sexos têm mais chances de serem canhotos) e cognitivas (lésbicas têm um raciocínio de rotação espacial melhor do que as héteros) (NOGUEIRA, 2011).

Observamos que as comprovações sobre as causas da homossexualidade estão alicerçadas em bases científicas que investigam os corpos dos sujeitos em suas minúcias, a fim de “descobrir” quais fatores biológicos são responsáveis pela “origem” da homossexualidade. Na escola e na universidade podemos problematizar o corpo biossocial – como um híbrido entre o biológico e o cultural. Entender o corpo nessa perspectiva, possibilita-nos discutir com os/as discentes o quanto discursos, pedagogias, práticas sociais, saberes científicos, entre outros, produzem e transformam esse corpo, inscrevem determinadas marcas e constituem nossas identidades.

CONCLUSÕES

Através das problematizações tecidas neste texto, procuramos contribuir com algumas das discussões acerca da homossexualidade no campo educacional. Tomar essas revistas analisadas como artefatos culturais – as quais continham determinadas pedagogias da sexualidade (re)produtoras de conhecimentos, de natureza científica – possibilitou-nos discutir o quanto seus ensinamentos estão articulados às diferentes maneiras de representar e posicionar os sujeitos com relação a sua identidade sexual, ou seja, de tomar o heterossexual como referência e o homossexual como aquele que deve ser estudado, comparado, investigado e compreendido através dos estudos da Ciência, da observação da biologia de seu corpo, da divulgação desses saberes na mídia. Nessa direção, o que propomos é o reconhecimento dessas pedagogias enquanto dispositivos culturais que, assim como a escola, estão engendrados na construção de determinados ensinamentos e que nos educam enquanto sujeitos.

Ao analisarmos os saberes científicos divulgados em algumas revistas de ampla circulação, a fim de perceber como a mídia se apropria e reproduz esses conhecimentos, buscamos problematizar a relevância de professoras e professores estarem atentos/as para as pedagogias da sexualidade que circulam em outros espaços além dos escolares. Procuramos evidenciar o quanto a escola organiza determinados conhecimentos a serem ensinados ignorando outros, na medida em que não aborda certos temas, diferentes modos de ser, estar e se relacionar, bem como as representações culturais produzidas acerca dos corpos e das sexualidades não hegemônicas, como a homossexualidade.

Assim, propomos uma educação que valorize e discuta a diversidade e ensine o respeito às diferenças. Essa proposta pode ser potencializada através da utilização de artefatos culturais, como as revistas analisadas neste artigo, proporcionado, na sala de aula, atividades que ponham em debate as pedagogias postas em andamento nesses materiais, através da discussão de temas como Ciência, produção do conhecimento/cientista, significados e representações construídas acerca dos corpos, das sexualidades e dos sujeitos.

Mesmo que ainda a instituição escolar seja tida, pela maioria dos/das profissionais da educação, como o espaço privilegiado no qual a pedagogia e o currículo estão presentes, faz-se necessário estarmos atentos/as para esses outros espaços que estão funcionando como produtores e veiculadores de saberes, conhecimentos, formas de pensar e agir. Abordar outras representações de corpos e sexualidades na prática escolar, possibilita-nos discutir o quanto tabus e preconceitos acerca das mesmas são construídos culturalmente e encontram-se engendrados em relações de poder-saber. Nessa direção, devemos olhar as pedagogias culturais como produtoras de certo corpo de conhecimentos, que vêm interpelando os sujeitos, (re)afirmando práticas e identidades hegemônicas.

Ao problematizarmos essas questões, não estamos atribuindo à escola, o papel decisivo na constituição das identidades dos indivíduos, mas sim, reconhecendo o quanto suas imposições, proibições e propósitos têm efeitos de verdade e se constituem como relevantes nas histórias das pessoas.

Assim, trabalhar com questões como a ciência, a mídia e como essas vêm produzindo e representando a heterossexualidade e a homossexualidade, na formação inicial e continuada de professores/as, é trilhar um caminho na busca de que nossa sociedade e a escola se torne mais igualitária, menos sexista e não homofóbica.

REFERÊNCIAS

- Buscato, M. (2011). *A biologia explica*. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI6300-15224,00-a+biologia+explica.html>>.
- Ferreira, T. (2011). *Qual é o sexo do seu cérebro?* Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI65446-15224,00-qual+e+o+sexo+do+seu+cerebro.html>>.
- Foucault, M. (2006). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (2007). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Nogueira, P. (2011). *O polêmico gene gay*. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG80153-7943-197,00-o+polemico+gene+gay.html>>.
- Ripoll, D. (2007). Corpo, genética e poder: notas sobre o filme *Gattaca*. An: M. L. C. Wortmann, et al. (Org.). *Ensaio em Estudos Culturais, Educação em Ciências*. A produção do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia: instâncias e práticas contemporâneas. (pp. 115-130). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- Sabat, R. (2001). Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 1, pp. 12-21.
- Silva, T. T. (2004). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica.